



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CAMPUS DE SÃO BERNARDO  
LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS – LÍNGUA PORTUGUESA

DJANE SILVA ALMEIDA

**RECRIANDO SABERES NA ESCOLA:** uma reflexão acerca do diário como suporte para a  
leitura e produção escrita de alunos da rede pública de ensino do povoado Coqueiro - São  
Bernardo/MA

SÃO BERNARDO

2019

DJANE SILVA ALMEIDA

**RECRIANDO SABERES NA ESCOLA:** Uma reflexão acerca do diário como suporte para a  
leitura e produção escrita de alunos da rede pública de ensino do povoado Coqueiro - São  
Bernardo/MA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão/Campus São Bernardo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Linguagens e Códigos.

**Orientação:** Profa. Ma. Lana Kaíne Leal.

SÃO BERNARDO

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

ALMEIDA, Djane Silva.

RECRIANDO SABERES NA ESCOLA: uma reflexão acerca do diário como suporte para a leitura e produção escrita de alunos da rede pública de ensino do povoado Coqueiro - São Bernardo/MA. / Djane Silva de Almeida. - 2019.  
57 f.

Orientador(a): Lana Kaíne Leal.  
Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos-  
Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São  
Bernardo, 2019.

1. Gênero. 2. Diário. 3. Leitura. 4. Produção Textual. I.  
Leal, Lana Kaíne. II. Título.

DJANE SILVA ALMEIDA

**RECRIANDO SABERES NA ESCOLA:** Uma reflexão acerca do diário como suporte para a leitura e produção escrita de alunos da rede pública de ensino do povoado Coqueiro - São Bernardo/MA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão/Campus São Bernardo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Linguagens e Códigos.

APROVADA EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Ma. Lana Kaíne Leal (Orientadora)  
Universidade Federal do Maranhão

---

Profa. Dra. Katia Cilene Ferreira França  
Universidade Federal do Maranhão

---

Profa. Dra. Maria Francisca da Silva  
Universidade Federal do Maranhão

Dedico este trabalho a Deus  
E a minha família por terem sido meu porto seguro.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a deus por me abençoar com força, fé e saúde me dando sabedoria para a realização deste momento;

A esta Instituição superior, e ao corpo docente, assim como a direção, coordenação e demais membros que com sua ética me fizeram crescer enquanto pessoa e profissional, através dos conhecimentos aqui adquiridos que serão levados para a vida;

A minha orientadora Lana Kaíne, que nunca desistiu de mim, me dando suporte teórico e até mesmo emocional, e que mesmo com pouco tempo eu fosse capaz de finalizar este trabalho;

Aos meus pais Deacy e Joel que sempre me motivaram e me apoiaram, aos meus filhos Lourrana e Matheus que com seu amor e carinho foram o meu porto seguro para continuar lutando e ao meu esposo Roberto que em todos os momentos esteve do meu lado incondicionalmente;

E a todos de forma geral que direto ou indiretamente contribuíram para a minha formação e para a realização deste sonho, o meu muito obrigado á todos.

A educação prepara a revolução, ela é um instrumento e uma forma de gradualismo revolucionário que praticamos sem saber. Ela também é, e isso é essencial, um laboratório de ideias, um teste para os nossos princípios, uma experimentação de nossas práticas, em resumo, uma antecipação realizadora.

(Hugues Lenoir)

## RESUMO

O objetivo deste estudo é fazer uma reflexão acerca da utilização do diário como instrumento para o ensino de língua materna, a partir da sua utilização como suporte para a leitura e produção textual, buscando analisar a contribuição deste na melhoria do ensino de Língua Portuguesa, além de examinar o papel dos gêneros textuais como estratégia de ensino/aprendizado. Para tanto, utilizamos como base teórica os estudos de Alves Filho (2011), Marcuschi (2003), Lima (2008) e Távora (2008), entre outros, que tratam da noção de gêneros e de sua utilização como estratégia de ensino. Este estudo se deu por meio de uma pesquisa-ação realizada com alunos do 8º ano da escola Unidade Integrada Bernardo Alves Rodrigues, localizada na zona rural do município de São Bernardo/MA, através de oficinas de confecção de diários. A partir destas intervenções percebemos que apesar das recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNS sobre a utilização dos gêneros como ferramenta para o ensino de língua materna, ainda há um longo caminho a ser percorrido para o pleno aproveitamento das potencialidades da utilização dos gêneros como ferramenta de ensino da língua. Desse modo, a aplicação destas oficinas apontou a eficácia do gênero de diário como instrumento de ensino servindo ao professor/pesquisador tanto para o diagnóstico da turma, quanto para o planejamento de ações para a melhoria do desempenho dos educandos em relação à leitura e escrita.

**Palavras-Chave:** Gênero textual. Diário. Leitura. Produção textual.



## RÉSUMÉ

L'objectif de cette étude est réfléchir sur l'utilisation du journal comme instrument d'enseignement de la langue maternelle, à partir de son utilisation comme support pour la lecture et la production de textes, on analyse sa contribution à l'amélioration de l'enseignement de la langue portugaise et on examine le rôle des genres textuels en tant que stratégie d'enseignement/d'apprentissage. Pour cela, nous utilisons comme base théorique des études de Alves Filho (2011), Marcuschi (2003), Lima (2008) e Távora (2008), parmi d'autres, qui traitent de la notion de genre et de son utilisation comme stratégie d'enseignement. La présente étude est caractérisée comme une recherche-action réalisée avec des élèves de 8ème année de l'Unité Intégrée Bernardo Alves Rodrigues, situé dans la zone rurale de la cité de São Bernardo/MA, à travers des ateliers de fabrication de journal. À partir de ces interventions, nous avons constaté que, malgré les recommandations des Paramètres nationaux du curriculum - PCNS sur l'utilisation des genres textuels comme outil d'enseignement de la langue maternelle, il reste encore beaucoup à faire pour l'utilisation pleinement du potentiel du genre comme outil de formation. enseignement de la langue. Ainsi, l'application de ces ateliers a mis en évidence l'efficacité du genre de journal intime en tant qu'outil pédagogique au service de l'enseignant / chercheur, tant pour le diagnostic de la classe que pour la planification d'actions visant à améliorer les performances des élèves en lecture et en écriture.

**Mots-clés:** Genres textuels. Journal intime. Lecture. Production textuel.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO: Conceitos e Perspectivas.....</b>	<b>12</b>
2.1 O conceito de Gênero Textual.....	12
2.1.1 Elementos caracterizadores dos gêneros .....	14
2.1.2 O suporte do gênero textual.....	18
2.2 Gênero e ensino.....	19
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>22</b>
3.1 Caracterização do ambiente e sujeitos da pesquisa.....	22
3.2 Do universo da pesquisa .....	23
3.3 Métodos de coleta .....	24
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>26</b>
4.1 A aplicação das oficinas: Refletindo sobre a produção escrita dos alunos .....	26
4.1.1 A avaliação dos alunos .....	29
4.2 A intervenção metodológica: O diário como suporte para a leitura e a escrita de alunos da educação básica.....	30
4.2.1 Na leitura .....	31
4.2.2 Na escrita .....	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>38</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>45</b>

## INTRODUÇÃO

A educação do século XXI sofre constantes modificações, isso em decorrência de inúmeras mudanças sociais advindas da globalização que proporcionam ao ensino atual a busca por metodologias que supram as necessidades de um mundo cada vez mais informatizado.

Com base no novo cenário educacional de nosso município, voltamos nosso olhar enquanto pesquisadora das práticas de ensino da rede pública para o povoado Coqueiro (interior do município de São Bernardo – MA) que atualmente não dispõe de número suficiente de professores de língua Portuguesa, fato que contribui ainda mais para a desmotivação de alunos do fundamental maior que passam semanas sem nenhuma aula da disciplina.

Acreditamos que o maior dano provém do não incentivo a alunos para o ensino-aprendizado da leitura e escrita nesta escola, pois os mesmos já não se sentem motivados para estas práticas nem mesmo em outras disciplinas, uma vez que, escola enquanto instância formal de ensino configura-se como importante espaço de formação psicossocial do educando, ajudando a formar ideias a partir do compartilhamento de experiências que vão além da mera aquisição de conhecimento instituído pelos currículos do sistema de ensino.

Assim sendo, cabe a escola contemporânea acolher os saberes de seus alunos e os ajudar a construir novas aprendizagens.

E a partir desta problemática que este trabalho busca apontar novos direcionamentos para a construção de saberes na escola, partindo da utilização do diário como estratégia para o ensino da língua materna.

Quando tratamos do ensino de Língua Materna é importante compreender que a noção de gêneros textuais é algo inerente a esta, uma vez que toda atividade de utilização da língua seja ela oral ou escrita ocorre por meio destes, assim, é impossível conceber uma prática pedagógica efetiva desvinculada da ideia de gênero.

Porém, percebemos que apesar dos Parâmetros Nacionais apontarem para um ensino de Língua Portuguesa a partir da utilização dos gêneros, percebemos que essas recomendações ainda são pouco aplicadas em sala de aula e, em sua maioria, restringe-se ao caráter utilitário do gênero e a sua estrutura desconsiderando o caráter dinâmico do gênero.

Desta maneira, este estudo surge de inquietações sobre o ensino de Língua Portuguesa e como o gênero textual pode ser utilizado como diagnóstico dos problemas de aprendizagem dos alunos, e como estratégia de ensino de Língua Portuguesa.

Este estudo tem como objetivo refletir sobre a utilização do diário enquanto suporte para a leitura e produção escrita de alunos da educação básica; analisar de que forma o diário pode contribuir para a melhoria do ensino de Língua portuguesa; pondera a importância da utilização dos gêneros textuais como estratégia de ensino/aprendizagem uma vez que é através deles que a língua se realiza; objetivamos ainda apontar novos direcionamentos para a dinamização das aulas de ensino de Língua Portuguesa, partindo de uma perspectiva na qual o educando já possui conhecimento prévio sobre a língua materna e que cabe ao professor direcioná-lo rumo a novas descobertas.

Deste modo, baseamos este trabalho nos estudos de Alves Filho (2011), Marcuschi (2003), Lima (2008) e Távora (2008), entre outros que tratam da noção conceitual de gênero e dialogam sobre a importância dos gêneros na educação.

Buscando alcançar os objetivos desta pesquisa, estruturamos este trabalho em cinco capítulos, sendo estes: 1- Introdução que apresenta sucintamente ao leitor sobre o que se trata nosso estudo; 2 – capítulo faz uma apresentação do que é gênero, pontuando desde seus aspectos históricos à sua caracterização de elementos e suporte; 3- capítulo deste estudo aponta nosso percurso metodológico, uma vez que a metodologia é indispensável para que se compreenda o caminho pelos quais percorremos nesta pesquisa; 4 – capítulo apresentamos nossas análises e discussões como produto final obtido durante as oficinas realizadas pela pesquisa; e por fim, o 5- capítulo, traz nossas considerações finais.

## 2 GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO: Conceitos e Perspectivas

Neste capítulo abordaremos a noção de gênero textual e sua perspectiva dentro do ensino. Para tal, este capítulo tem base em dois tópicos; o primeiro trata-se da discussão sobre o conceito de gênero textual a partir dos estudos de Filho (2011) e Wittke (2012); o segundo pilar baseia-se nos apontamentos de Brasil (2008) e trata a importância dos gêneros para o ensino.

### 2.10 conceito de Gênero Textual

A noção de gênero textual é antiga, nos remetendo à Grécia e A poética de Aristóteles que traz a primeira noção de gênero. Para Aristóteles os gêneros funcionavam como uma organização do discurso para fins de convencimento do interlocutor, teoria difundida na literatura durante séculos. Porém, desconsiderava - se aspectos importantes propostos por Aristóteles, como a fusão da forma e do conteúdo do gênero, resultando na rejeição dessas teorias pelos autores do século XX que concebiam a teoria de gênero posta como algo limitante a sua expressão poética, Filho (2011).

As novas teorias gêneros propõem uma classificação mais dinâmica do gênero, relacionando estes à dinâmica dos grupos sociais humanos, Wittke (2012, p. 21) define:

O gênero textual refere-se aos diferentes formatos que o texto assume para desempenhar as mais diversas funções sociais, ressaltando suas propriedades sócio comunicativas de funcionalidade e de intencionalidade. Nesse domínio, são artefatos culturais historicamente construídos e usados pelo homem. Eles apresentam diferentes caracterizações, com vocabulários específicos e empregos sintáticos apropriados, em conformidade com o papel social que exercem. (WITTKE, 2012, p.21)

O conceito de gênero textual depreendido neste trabalho e também defendido por Wittke (2012) é de que estes manifestam-se através dos mais diferentes formatos de texto, exercem função social ampla no ato comunicativo, assumindo assim características próprias que variam de acordo com a necessidade e o ambiente em que estão sendo utilizados.

Sobre a diversidade dos gêneros textuais presentes no nosso cotidiano, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa - PCN's (1998, p. 21), ressalta que:

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos

sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. São caracterizados por três elementos: Conteúdo temático: o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero; Construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero; Estilo: configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da enunciativa do locutor; conjuntos particulares de sequência que compõem o texto etc. (BRASIL, 1998, p.21).

Frente à caracterização feita por Brasil (1998) destacamos que não se pode calcular a infinidade de gêneros textuais existentes na nossa esfera comunicativa, pois estes possuem características próprias que dependerá unicamente do ato comunicativa. Assim, a instabilidade dos gêneros, ocasionado pelo dinamismo da língua como organismo vivo, possibilita diversas modificações nestes que sofrem influência direta de fatores como tempo e da massa falante, como ressalta Filho:

Nas últimas décadas houve uma mudança significativa na forma como se passou a conceber teoricamente os gêneros, a qual consiste sinteticamente no seguinte: Os gêneros deixaram de ser visto como uma estrutura formal geralmente determinada a *priori* e passaram a ser vistos como estruturas semióticas dinâmicas e flexíveis. Ou seja, os gêneros passaram a ser vistos como formas de organizar dinamicamente a comunicação humana e de expressar diversos significados de modo recorrente. Dizer que os gêneros são estruturas dinâmicas implica que eles são maleáveis e se adequam às situações e não que são modelos predeterminados a serem seguidos. (FILHO, 2011, p.21).

Essa noção de gêneros faz-nos ver que, os gêneros textuais são movidos primordialmente pela necessidade comunicativa social, isso significa dizer que muitos gêneros podem surgir pela necessidade que as massas falantes têm de se comunicar, assim como podem desaparecer por deixarem por caírem em desuso pela mesma massa falante. Isso pode ser refletido através do que Brasil (2008, p.30) destaca ao explicar que:

Nossa experiência diária nos coloca frente a frente com diversos gêneros textuais, que podem ser definidos como enunciados relativamente estáveis, mas não estáticos. São estáveis porque podemos ver neles o que têm de igual e o que têm de diferente em relação a outros textos. Considera-se estabilidade o conjunto de marcas na organização textual que nos leva a decidir se um texto é uma carta, uma biografia, uma anedota, uma receita, etc. Mas estabilidade não quer dizer rigidez, por isso, gêneros textuais não são estáticos: a longo prazo, são suscetíveis às alterações históricas, culturais e sociais no seio das quais se realizam; a curto prazo, podem ter as marcas de estilo dos sujeitos que os produzem. (BRASIL, 2008, p.30)

Com base nessa afirmação de Brasil (2008) fica notório que os gêneros textuais acompanham diretamente as constantes transformações sociais e adapta-se em vista as necessidades presentes e futuras, como afirma Filho (2011, p.21) sobre o dinamismo dos gêneros:

Entender que os gêneros possuem dinamismo é importante para se perceber que eles se incorporam às situações vividas pelos seres humanos, muitas vezes servindo como respostas às necessidades comunicativas das pessoas. Por isso é proveitoso pensar nos gêneros como ferramentas semióticas (dotadas de significados) que fazem parte das nossas vidas e, portanto, podem ser utilizadas adaptativamente para várias finalidades. Também é o dinamismo dos gêneros que faz com que eles possam mudar ao longo do tempo para responder de modo apropriado às necessidades comunicativas e as práticas dos seres humanos [...]. (FILHO, 2011, p.21)

Essas necessidades promovem tanto a adaptação dos gêneros como a substituição destes, como carta que com o avanço da tecnologia foi substituída por emails, mensagens de texto etc., ou como o exemplo dos telejornais citado por Filho (2011, p. 21-21), que ao falar sobre esta adaptação dos gêneros compara e aponta as diferenças entre os telejornais de hoje e os de 20 anos atrás:

Por exemplo, muitos telejornais de hoje são bem diferentes de 20 anos atrás. Naquela época os apresentadores falavam de modo frontal para a câmera, dificilmente emitiam uma opinião ou impressão sobre o fato noticiado e usavam uma linguagem estritamente formal. Hoje com frequência, assistimos a telejornais em que os apresentadores conversam entre si de modo bem descontraído, emitem impressões e opiniões sobre os fatos e usam um registro de linguagem menos formal e mais flexível. Certamente essa mudança pode ser explicada em função de necessidades comunicativas dos tempos de hoje: as pessoas não querem apenas ser informadas acerca dos fatos, mas exigem também que a informação chegue até elas de um modo mais descontraído, mais agradável, mais interativo. Por outro lado, a competição entre muitas emissoras e entre muitos meios de comunicação acirra a concorrência e produz mudanças na forma dos gêneros. Resumindo, os profissionais das emissoras de TV, estimulados pelo ambiente social e empresarial, contribuíram para que os telejornais fossem mudando ao longo dos últimos anos. (FILHO, 2011, p.21-22)

Os gêneros assim não são sólidos, são antes de tudo são estruturas maleáveis que sofrem modificações em sua estrutura e forma linguística, dando origem a um novo gênero. Entretanto, não se pode calcular quanto tempo um determinado gênero ficará em evidência em nossa esfera social, considerando as várias influências das massas falantes sob este.

Deste modo, entendemos que cada gênero possui seu próprio estilo e esse estilo está associado a questões históricas e culturais, como afirmou Wittke (2012). Assim, na ação de comunicação nenhum gênero se perde, todos transformam-se e dão lugar a outros.

### 2.1.1 Elementos caracterizadores dos gêneros

Destacamos neste subtópico o conceito dos quatro elementos que caracterizam os gêneros textuais, que são: 1- Fusão entre forma e conteúdo; 2- Propósitos comunicativos; 3 – Evento deflagrador; 4 – Tema.

Iniciamos com a concepção trazida por Filho (2011, p.27) sobre a fusão entre forma e conteúdo:

Todo gênero certamente é resultado histórico de modos particulares de se relacionar uma forma textual (o modo como se diz ou escreve algo) e um conteúdo (aquilo sobre o qual se fala ou se escreve). Já Aristóteles havia se referido a isso como uma fusão entre forma e conteúdo, defendendo que não havia como separar os dois. Por isso, seria equivocado tanto querer associar gêneros somente à forma como imaginar que os gêneros se reduzem unicamente ao conteúdo. Em outras palavras, estudar gêneros não é coerente com fazer polarização entre forma e conteúdo pelo simples fato de que estes dois componentes são inseparáveis e também pela razão de que os gêneros são holísticos, ou seja, são construtos globais e integrais, uma espécie de lugar onde diversos componentes da dimensão verbal e social dos textos se agrupam para formar um todo dotado de significado (Cf. Rodrigues, 2005). O caráter holístico dos gêneros inclui, além de forma e dos conteúdos, valores, situações, ideologias e papéis sociais representados por sujeitos interagindo através dos gêneros. (FILHO, 2011, p. 27)

Como apontado nas ideias de Filho (2011) os gêneros textuais são resultados históricos da relação entre forma textual e conteúdo. De acordo com o autor, esses dois elementos são inseparáveis, ao mesmo tempo em que trazem consigo uma essência holística que inclui muitos outros elementos, tais como: valores, ideologias, papéis sociais etc. É possível compreender então que esses diversos componentes agregam – se tanto na dimensão verbal quanto social dos textos, atribuindo por vez ao gênero o significado.

Em outras palavras significa dizer que não existem modelos prescritos para a produção de gêneros, o que existem são normas flexíveis e necessárias, caso se pretenda alcançar a compreensão e interação do outro dentro do processo comunicativo, como explica Filho:

Entender a dinamicidade e a significância da forma textual não equivale dizer que os alunos não devem se basear e se orientar pelas formas textuais existentes, mas que eles precisam perceber que raramente existe apenas um único modelo formal disponível. Poderíamos dizer, então, que conhecer apropriadamente um gênero implica também em saber escolher qual conteúdo é apropriado, adequado e se ajusta a determinados propósitos comunicativos e em qual forma textual se pode ser expresso de modo a se obter sucesso desejado na ação comunicativa. (FILHO, 2011, p. 29).

Com base nessa assertiva, vemos que todo o processo comunicativo se faz com base em gêneros, sejam eles orais ou escritos; conhecer esses gêneros significa fazer seleções prévias de qual conteúdo e forma textual é acessível para atender os propósitos comunicativos que desejamos, como afirma Filho (2011, p. 30):

É importante deixar claro que os gêneros são formas históricas e sociais de uso da linguagem e não formas prescritivas ditadas, à revelia dos contextos de uso, por supostos “experts” no assunto. Sendo formas históricas, é claro que não se trata de cada pessoa escolher falar ou escrever como bem deseja, guiando – se apenas por sua intuição. As escolhas sobre as formas de expressão são guiadas, nos contextos de uso, por parâmetros da



própria dinâmica social, razões pelas quais não são meramente intuitivas. (FILHO, 2011, p.30).

Assim, o contexto situacional também é levado em consideração quando o indivíduo faz uso de um determinado gênero, deve – se ater primordialmente as exigências impostas pela situação comunicativa.

#### Segundo Filho:

Isto equivale a dizer que os gêneros, de algum modo, orientam os nossos comportamentos, embora não façam isso de maneira determinística ou prescritiva. Quando, por exemplo, encontramos alguém que decide nos contar uma fofoca e, se aceitamos a sugestão e nos dispomos a ouvi-la, imediatamente o gênero fofoca passa a guiar a nossa forma de proceder (falar baixo e olhar para os lados, por exemplo) e interpretar (como informação negativa e maledicente, provavelmente). Quando alguém diz “sabe aquela do português” imediatamente passamos a ouvir sem interferir na fala do outro até que ele termine de contar a piada, além de criarmos expectativas para um final engraçado ou surpreendente. (FILHO, 2011, p.29).

Vemos assim que os gêneros orientam desde nossa comunicação ao nosso próprio comportamento. Comportamentos estes que se alteram e variam conforme a necessidade imposta pelo gênero, como por exemplo, não é próprio do gênero fofoca a transmissão da informação em voz alta, etc. Assim, o que se deve dizer ou não, o como e o quanto dizer, dependerá de interlocutores definidos e dos contextos nos quais os textos poderão circular e primordialmente dos propósitos que se deseja alcançar com essa ação comunicativa.

Sobre os propósitos de comunicação, Filho (2011, p. 34) descreve que “O propósito comunicativo de um gênero equivale às finalidades para as quais os textos de um mesmo gênero são mais recorrentemente utilizados em situações também recorrentes. Sobretudo os textos mais pragmáticos são usados no dia a dia para ajudar a resolver determinados problemas da vida prática”.

Nesse sentido, compreendemos que um mesmo gênero pode atender vários propósitos comunicativos distintos, sendo ainda estes propósitos diversos e dinâmicos que podem sofrer diversas alterações conforme fatores como grupo social, instituições, tempo.

Resumidamente, as transformações que podem ser observadas nos gêneros textuais podem acontecer também em vista dos propósitos comunicativos, conforme menciona Filho:

[...] a mudança dos gêneros não se dá apenas sobre a forma, o conteúdo e o estilo, mas podem decorrer de alterações nos propósitos comunicativos, nas suas funções sociais. E não é raro que, havendo mudanças nos propósitos comunicativos, também surjam mudanças na forma e no estilo dos gêneros. Os propósitos podem ser vistos de duas perspectivas principais: do ponto de vista de quem escreve ou fala (do locutor/enunciador); do ponto de vista de quem lê ou escuta (ouvinte/locutor). Esta distinção se faz importante porque necessariamente os propósitos não são os mesmos se vistos pelo ângulo de quem produz os textos ou da perspectiva das pessoas a quem eles são endereçados. (FILHO, 2011, p.35).

A escolha de um gênero é determinada pela finalidade da mensagem, ou seja, pelo seu propósito comunicativo, deste modo, os gêneros tendem a se modificar em decorrências das necessidades comunicativas, uma vez que estes atendem demandas de comunicação e estas se modificam frequentemente propiciando o surgimento de novos gêneros ou a mudança dos gêneros pré-existentes.

É necessário nos atentarmos também quando se trata dos propósitos comunicativos, que estes podem ser diversos e que podem ser vistos de duas perspectivas: a perspectiva do locutor, e a perspectiva do interlocutor, deste modo, nem sempre o propósito do locutor será o mesmo do interlocutor.

Desta maneira, conforme Filho (2011) apesar da recorrência da utilização de determinado gênero para determinado propósito, a finalidade de um gênero não é algo estático e pré-definido, mas é algo que resulta do seu contexto de utilização. Portanto, é necessária a compreensão dos propósitos mais recorrentes, uma vez que este conforme Filho (2011) o principal objetivo do estudo do gênero é a compreensão dos comportamentos recorrentes deste.

Outro elemento caracterizador dos gêneros textuais é o denominado evento deflagrador. Conforme Filho (2011, p. 39- 40):

Evento deflagrador é o nome usado para caracterizar um acontecimento factual ou discursivo que é usado como o desencadeador para a produção de um certo texto que participa de um gênero (PARE E SMART, 1994). O evento deflagrador é a razão mais ou menos imediata que impulsiona alguém a tomar a palavra escrita ou oral e propor um ato de interação pela linguagem. Quando se diz que os gêneros respondem as necessidades e exigências das pessoas no sentido de minimizar ou resolver problemas de suas vidas (Cf. BITZER, 1968), assumimos que o evento deflagrador tem um papel muito importante neste processo porque ele faz a intermediação entre a realidade e os textos. Por isso, compreender o evento deflagrador ajuda a entender a relação entre os textos e os acontecimentos sociais ou materiais que servem de causa ou motivação para eles. (FILHO, 2011, p.39-40).

Diante de tal perspectiva compreendemos que o evento deflagrador é de suma importância para a elaboração de um texto, uma vez este é a motivação inicial para a produção a escrita de um texto.

E por fim, o tema dos gêneros que Filho (2011) conceitua como o “assunto de cada texto isolado”, deste modo, cada gênero costuma privilegiar determinados temas socialmente aceitos; neste sentido, certos gêneros são socialmente reconhecidos pela recorrência de determinados temas.

### 2.1.2 O suporte do gênero textual

Quando tratamos de noções de gêneros é necessário pensarmos também na noção do suporte textual, uma vez que é através do suporte que o gênero se materializa, de forma que cada gênero exige um tipo de suporte especial para atingir seus objetivos comunicativos.

De acordo com Marcuschi (2003) a tentativa por definir um conceito próprio para suporte ainda não está totalmente clara e permanece em debates no meio acadêmico. Sobre o suporte, Marcuschi (2003, p. 8) afirma que:

[...] entendemos aqui como suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Numa definição sumária, pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto. (MARCUSCHI, 2003, p.8).

Marcuschi (2003) defende que a relação entre suporte e texto é intrínseca, e atribui a esta a materialidade do gênero. Conforme Marcuschi (2003) suportes textuais são imprescindíveis para circulação do gênero:

Uma observação preliminar pode ser feita a respeito da importância do suporte. Ele é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado. Mas isso não significa que o suporte determine o gênero e sim que o gênero exige um suporte especial. Contudo, essa posição é questionável, pois a casos que o suporte determina a distinção que o gênero recebe. (MARCUSCHI, 2003, p.10).

Vemos que o suporte é fundamental para que o gênero, uma vez que alguns gêneros dependem da fixação em suportes para circular no meio social para serem reconhecidos como pertencentes a um determinado gênero. Contudo, o autor esclarece em sua afirmação que não é o suporte que determina o gênero, mas sim, o gênero que determina o suporte, uma vez que cada gênero exige um suporte especial.

Marcuschi (2003) apud Lima (2007, p.31) ainda ressalta que:

Para Marcuschi, a noção de suporte nos leva a perceber como se dá a circulação social dos gêneros. Segundo o autor, os suportes podem ser: convencionais, “tendo em vista sua função de portarem ou fixarem textos” (2003b, p. 20), como a página da Internet, o jornal, o livro didático; e incidentais, tendo em vista sua eventualidade, por não serem destinados a esse fim, como, por exemplo, o corpo humano, quando são tatuados com uma imagem, um poema ou uma declaração de amor. [...] algumas vezes os gêneros são determinados pelas formas, na maioria das vezes pela função e, ainda outras vezes, pelo suporte ou ambiente em que o texto aparece. (MARCUSCHI apud LIMA 2007, p.31)

A exemplo disso citamos a tese de doutoramento de Távora (2008) que diante da sua perspectiva defende que a existência do gênero e a necessidade dele na sociedade depende de certas

condições para êxito, ou o mesmo acaba ganhando um novo formato por cair em desuso, já que cada gênero precisa ser “bem-sucedido” na sociedade, considerando que estes são atividades sociais. Dentre dessas condições necessárias para o êxito do gênero, estaria à existência do suporte físico, assim Távora (2008, p.50) explica que:

É bem verdade que se pode conceber que determinados gêneros necessitam de uma realização em determinado suporte para se efetivarem, para ganharem “credibilidade”. O que dizer de alguém que escreve notícias que não são divulgadas em um jornal? O mesmo se pode dizer de um romance: parece esdrúxulo falar em um romance que não foi validado pela sua “publicação” em um livro. (TÁVORA, 2008, p.50).

As novas tecnologias proporcionaram a descoberta por outros suportes, e hoje vemos notícias e romances sendo publicados em blogs e sites. De acordo com os estudos de Bronckart (2003) compreendemos que embora o gênero possa se realizar tanto no suporte físico quanto no digital, os dois mantêm características distintas, a exemplo disso é que um romance publicado em formato digital terá características diferentes dos romances em formato físico. Assim sendo, para Bronckart (2003) o suporte faz parte do conjunto de variáveis que influenciam um texto, seu contexto de produção.

Assim sendo, é inegável que a ligação indissociável entre texto e suporte; assim sendo, concluímos que: cada texto possui um suporte; todo texto recebe influência direta do suporte, uma vez que o suporte contribui para a estruturação do texto e fixação deste na sociedade.

## **2.2 Gênero e ensino**

Na sociedade contemporânea a escola é um importante espaço de socialização do conhecimento, é na escola que o aluno terá acesso ao ensino formal, entretanto, é necessário compreender que o processo de aprendizado ocorre não apenas na escola e considerar que antes da inserção do aluno no ambiente escolar este já construiu uma série de conhecimentos empíricos que não podem ser desconsiderados. Nesse sentido, Brasil (2008, p.14) enfatiza que:

Na prática, todos os falantes de uma língua aprendem, juntamente com a aquisição das regras gramaticais dessa língua, a se expressar por meio de diferentes gêneros textuais, antes mesmo de aprendê-los na escola. (...) À escola cabe aproveitar esse conhecimento intuitivo, sistematizar e tornar consciente o uso dos diferentes gêneros textuais com os quais convivemos nos diversos níveis das nossas práticas sociais. (BRASIL, 2008, p. 14).

Em vista disso, quando tratamos do ensino de língua materna é necessário pensar em uma prática pedagógica que leve em consideração o caráter de socialização da língua, uma vez que

aquisição da língua é parte do processo de inclusão de um indivíduo em uma sociedade, processo este que se dá inicialmente de maneira informal. Portanto, é necessário levar em consideração que o educando não aprenderá a língua na escola, porque anterior ao seu processo de aquisição da língua escrita este já conseguia utilizar as estruturas da língua, construindo discursos dentro dos gêneros socializados pela comunidade na qual estão inseridos.

Desta forma, a utilização dos gêneros é algo intrínseco da comunicação humana, portanto desde a infância o educando tem acesso a ele, mas, é na escola que o aluno é apresentado aos conceitos formais de gênero.

Assim, ao tratamos do ensino de gênero na escola muitas vezes este é apresentado em aula distante da realidade concebida inicialmente pelo aluno, uma vez que geralmente o ensino de gênero posto pela escola prioriza o ensino deste sem fazer quaisquer inferências com a realidade do aluno; deste modo, rivalizando com a ideia quase intuitiva de gêneros que o aluno adquiriu em seu processo de socialização.

Diante desse cenário, é papel do professor, visto neste trabalho como mediador de aprendizagem, ter sempre uma visão ampla do que ensinar e como ensinar; buscando metodologias que supra a necessidade de contextualizar o ensino dos gêneros nas aulas de Língua Portuguesa, fazendo com que as aulas sejam dialógicas e que se articule à realidade dos educando, pois levamos em consideração de que os gêneros e o contexto social mantêm uma relação intrínseca e indissociável.

A escola assim detém o papel de mediar às relações de aprendizagem, pois embora o aluno faça uso a priori com os gêneros, é papel da escola esclarecer as noções e orientar o educando de como, onde e quando se fará uso de determinados gêneros textuais, considerando que esse contato orientado entre ambos é indispensável, e ao longo da sua jornada educativa o aluno acompanhará e conhecerá uma diversidade de gêneros através de textos, e essa descoberta do aluno sob diferentes gêneros abraça espaço para o trabalho de outras manifestações das competências linguísticas do educando.

Por um longo período a escola consolidou-se como um espaço para aquisição de conhecimento, cujo papel era de meramente reproduzir conhecimentos tido com “eruditos” e que, portanto, desconsiderava os saberes prévios do educando. Neste sentido, as aulas de língua materna por muito tempo privilegiaram língua “cultura”, o seja a variedade da língua que circula no meio acadêmico através da escrita, em detrimento da linguagem coloquial que constitui base de aquisição da língua da maioria dos educandos.

Entretanto é necessário levar em consideração as inúmeras mudanças que se processaram em nossa sociedade nas últimas décadas, e os impactos ocasionados por estas mudanças no cenário educacional. Deste modo, um dos principais desafios do professor de língua materna no contexto de o ensino atual é romper com os paradigmas tradicionais de ensino de língua, e repensar a sua prática de ensino sem desconsiderar o conhecimento prévio do aluno sobre a língua.

### **3PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O presente capítulo faz uma apresentação de todos os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho, uma vez que ao se tratar de uma pesquisa científica de natureza educacional existem diversos caminhos a serem percorridos e estes caminhos requerem que o pesquisador adote para si métodos que o auxiliem a alcançar seus objetivos. Caminhos que estes que são apresentados através desse tópico.

#### **3.1 Caracterização do ambiente e sujeitos da pesquisa**

O campo de investigação desta pesquisa será a escola Unidade Integrada Bernardo Alves Rodrigues, atualmente situada no povoado Coqueiro, s/n, zona rural do município de São Bernardo – Maranhão.

No que se refere à infraestrutura da escola esta tem grande porte, dispondo de uma estrutura com 10 (dez) salas de aula, direção, biblioteca e sala de leitura, cantinas, banheiros, pátios de lazer e recreação, quadra esportiva coberta.

A escola é única no povoado e atende 477 (quatrocentos e setenta e sete) alunos da localidade e das proximidades vizinhas. Este número de alunos, supracitados acima, subdivididos entre educação infantil; Ensino fundamental séries iniciais e finais; e por fim, Educação de Jovens, Adultos e Idosos – EJA.

A direção informou que há 2 (dois) anos a escola pesquisada possui Projeto Político Pedagógico (PPP) e contou com a participação de toda a comunidade, todavia, por motivos não justificados o PPP da escola não foi cedido nesta pesquisa.

A escola Unidade Integrada Bernardo Alves Rodrigues conta com um quadro total de funcionários de 69 (sessenta e nove) pessoas; sendo 34 (trinta e quatro) profissionais efetivos e 35 (trinta e cinco) terceirizados. Desse número, 38 (trinta e oito) são professores, e apenas 5 (cinco) são lotados para aulas de língua portuguesa. Apesar desse numero de professores apresentado na diagnose, nem todos comparecem a escola campo desse estudo para o comprimento de sua carga horária.

Buscando atender os objetivos desta pesquisa, os sujeitos escolhidos segundo a necessidade de intervenção na escola em concordância com os objetivos desta pesquisa foram alunos do oitavo ano do ensino fundamental da escola pesquisada, bem como participou como

voluntaria a diretora desta instituição que nos forneceu auxiliou sobre a diagnose e apoio durante todas as demais ações na escola.

### **3.2Do universo da pesquisa**

Toda pesquisa de caráter científico busca responder determinadas questões, a partir de procedimentos sistemáticos e controlados que possa dar validade a esta. Neste sentido, este estudo elege a pesquisa ação como base de procedimentos norteadores para esta pesquisa, devido a sua natureza interventiva, que possibilita ao professor/pesquisador interferir no ambiente escolar à medida que realiza sua pesquisa.

Thiolent (1988) apud Gerhardt e Silveira (2009, p.40) define:

A pesquisa ação é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.40)

Na área educacional, a pesquisa ação vem sendo amplamente utilizada, devido ao seu caráter de intervenção, que permite ao professor/pesquisador ao mesmo tempo ocupar a posição de observador e agente de ação no ambiente escolar, o que permite além da observação a transformação deste espaço.

Entretanto, para que os objetivos de uma pesquisa sejam atendidos através da utilização da pesquisa ação como método é preciso se ater as orientações de Fonseca (2002) apud Gerhardt e Silveira (2009, p.40) que ressalta:

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa (p. 34). O objeto da pesquisa-ação é uma situação social situada em conjunto e não um conjunto de variáveis isoladas que se poderiam analisar independentemente do resto. Os dados recolhidos no decurso do trabalho não têm valor significativo em si, interessando enquanto elementos de um processo de mudança social. O investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com os outros parceiros. O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador.(THIOLLENT apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.40).



Neste sentido, esta pesquisa busca responder não apenas as indagações já propostas, mas também busca desenvolver metodologias que sejam utilizáveis em sala de aula, e que sejam capazes de despertar o interesse dos alunos pela disciplina em questão.

Em busca de alcançar nossos objetivos, este estudo ainda dá ênfase a abordagem qualitativa que segundo Gerhardt e Silveira (2009, p.32) “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”.

Gerhardt e Silveira (2009, p.32) ainda contribuem com este estudo, enfatizando que:

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. Entretanto, o pesquisador deve estar atento para alguns limites e riscos da pesquisa qualitativa, tais como: excessiva confiança no investigador como instrumento de coleta de dados; risco de que a reflexão exaustiva acerca das notas de campo possa representar uma tentativa de dar conta da totalidade do objeto estudado, além de controlar a influência do observador sobre o objeto de estudo; falta de detalhes sobre os processos através dos quais as conclusões foram alcançadas; falta de observância de aspectos diferentes sob enfoques diferentes; certeza do próprio pesquisador com relação a seus dados; sensação de dominar profundamente seu objeto de estudo; envolvimento do pesquisador na situação pesquisada, ou com os sujeitos pesquisados. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.32).

Nesse sentido, damos ênfase a abordagem qualitativa porque esta não se prende a dados numéricos, mas sim baseia-se em observações objetivas da realidade propiciando assim uma reflexão por parte do pesquisado.

### **3.3 Métodos de coleta**

A coleta de dados deste estudo se deu através de projeto didático “Recriando saberes na escola a partir do diário como suporte para leitura e escrita”, realizado entre os meses de novembro e dezembro

O projeto “Recriando saberes na escola a partir do diário como suporte para leitura e escrita”, é um projeto comunitário que surgiu com o objetivo trabalhar leitura e escrita de uma forma prazerosa, crítica, e ao mesmo tempo lúdica de alunos da comunidade Coqueiro – Maranhão que se encontravam sem professor de Língua Portuguesa.

Deste modo, buscou-se nessa proposta promover nos alunos interesse em ler e produzir textos com a eficiência exigida no referido nível de escolaridade, no caso o 8º ano do ensino fundamental II. Assim, a coleta de dados deu-se de forma processual e continuada, ocorrendo nos meses referentes à aplicação do projeto.

As ações do projeto foram divididas em 6 (seis) oficinas, organizadas da seguinte forma:

Oficina 1: Iniciamos a aula falando sobre a proposta das oficinas; Em seguida, foi exibido o filme “Minha querida Anne Frank” que visava debater o contexto histórico, social e político da época da escrita da obra.

Oficina 2: Foram distribuídos trechos do livro “O diário de Anne Frank”, seguido de debates nos quais indagamos os alunos sobre quais gêneros podem ser veiculados através do diário. Após os debater, apresentamos as características do diário, bem como dos gêneros que podem ser veiculados através dele.

Oficina 3: Este dia foi reservado para revisão do conteúdo e apresentação da elaboração escrita dos alunos.

Oficina 4: Criação artística dos diários, na qual todos os alunos confeccionaram seus cadernos de diário, os quais foram decorados conforme o gosto pessoal de cada um.

Oficina 5: Reescrita dos alunos;

Oficina 6: Culminância final.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Neste capítulo são apresentadas os resultados e discussões deste trabalho, produto final do projeto comunitário “Recriando saberes na escola a partir do diário como suporte para leitura e escrita”.

### **4.1 A aplicação das oficinas: Refletindo sobre a produção escrita dos alunos**

No decorrer das oficinas aplicadas na escola investigada obtivemos um total de 37 (Trinta e sete) produções escritas às quais foram devidamente trabalhadas durante a ocorrência das atividades em sala.

No primeiro dia de oficina apresentamos aos alunos a proposta do projeto comunitário “Recriando saberes na escola a partir do diário como suporte para leitura e escrita”, apresentamos aos alunos em sala de aula as definições sobre o que é gênero textual, especificando principalmente as características do gênero diário. A aula seguiu com a apresentação do filme “Minha querida Anne Frank”.

O objetivo central desta aula foi debater junto aos alunos e testar duas de suas competências linguísticas: a oralidade e a compreensão sobre o que está sendo apresentado. Embora a aula tenha sido muito produtiva, conseguimos perceber que os alunos ainda se fazem muito tímidos para debates em sala de aula. O que nos fez pensar: Estes alunos estão sendo acessados e se sentem convidados a participar da aula? Se não, quais os caminhos metodológicos a percorrer para que consigamos acessar estes alunos e estes possam desfrutar melhor das ações deste projeto?

Decidimos então atrelar em nossa abordagem didática um jogo. Ao iniciarmos a segunda oficina levamos um copo descartável com 38 papezinhos escrito com o número 1 (um) e com o número 2 (dois). Cada aluno retirou da caixa um papel, e assim, conforme o número escolhido por eles, dividimos - os dois grupos.

Cada grupo foi orientado a criar um desenho que relatasse algo sobre a vida e amizade deles no ambiente escolar, como se conheceram, algo sobre os momentos de lazer. A ideia é que um integrante de um grupo iniciasse o desenho e o outro participante o continuasse, até que todos participantes.

Na conclusão, os grupos deveriam trocar os desenhos e um tentaria descobrir qual a história do outro grupo, falando em voz alta para que todos os ouvissem e pudessem opinar. Assim, os grupos teriam a oportunidade de dialogar entre si.

Essa atividade fez com que toda a sala participasse igualmente da aula, de modo que, obtivemos sucesso para seguir em nossa empreitada. A aula seguiu normalmente e com todos os alunos envolvidos, aproveitamos para distribuir trechos do livro “O diário de Anne Frank”, a leitura foi dirigida, com os próprios alunos se voluntariando para a leitura.

Percebemos que, na grande maioria da turma havia uma dificuldade enorme na pronuncia de algumas palavras, na pontuação e na entonação do texto. E a cada pausa feita para o debate do texto, aproveitamos para dá pequenas noções sobre leitura.

Os debates seguiram e então indagamos os alunos sobre quais características presentes do gênero textual diário, os discentes defenderam seu posicionamento e montamos no quadro com todas as palavras aleatórias ditas por cada um deles, o quadro foi formado com base na ideia de tempestade mental e cada palavra por fim representava uma das características desses dois gêneros mencionados pelos alunos.

Esta aula seguiu para nosso terceiro encontro. Nessa terceira oficina foi feita a leitura dirigida de um trecho do livro “O diário de um banana”, após o debate os alunos foram elogiados pela melhoria em sua leitura e, seguimos para a revisão do conteúdo trabalhado anteriormente.

Com o termino da revisão, iniciamos a escrita dos alunos que foram devidamente orientados sobre como proceder na produção segundo tudo que havíamos trabalhado. Esta aula foi dedicada exclusivamente para a produção dos alunos.

O que foi percebido no decorrer da atividade de produção é que a grande maioria dos educandos não tinha dificuldade para seguir na estrutura, contudo havia muita dificuldade de ortografia especialmente de verbos, junção do artigo ao substantivo, etc.

Ao fazermos as correções observamos que 98% dos alunos conseguiram escrever dentro de uma estrutura de um gênero. Entretanto, em todos os textos havia erros gramaticais e 70% dos educandos utilizava a linguagem oral na produção escrita.

Com a correção dos textos em mãos, mapeamos os erros ortográficos mais recorrentes e decidimos incluir na quarta oficina uma aula para trabalhamos a ortografia dos alunos. Assim, nossa quarta ação na escola iniciou com uma aula gramatical onde trabalhamos com base em frases escritas nos textos pelos próprios alunos. Retiramos fragmentos textuais das produções dos alunos,

porém cada um teve sua identidade preservada, mas mantiveram – se o tempo todo, atentos as orientações gramáticas.

O restante da quarta oficina foi dedicado para a criação artística dos diários, na qual todos os alunos confeccionaram seus cadernos de diário, os quais foram decorados conforme o gosto pessoal de cada um, conforme mostra a imagem 1 e 2.

**Imagem 1.** Cadernos de diários sendo produzido pelos alunos.



Fonte: autor

**Imagem 2.** Cadernos de suporte para a veiculação textual escrita



Fonte: autor

Terminando a produção dos cadernos de diários que seriam nosso suporte para a produção escrita, orientamos os alunos a continuarem no dia seguinte, onde foi realizada a etapa final da produção escrita.

Ao iniciarmos a quinta oficina solicitamos que os alunos se dirigissem a biblioteca da escola, que estava devidamente organizada para receber os alunos. De modo que, cada um recebeu seu texto com as correções e foi orientado individualmente sobre como proceder na reescrita de sua produção. Com o termino da reescrita, os alunos passaram seus textos para seus cadernos de diários que foram guardados para serem corrigidos e divulgados na culminância.

A sexta oficina do projeto “Recriando saberes na escola a partir do diário como suporte para leitura e escrita”, foi à culminância final aberta para toda a comunidade escolar. Contudo, a maior responsabilidade foi dada aos alunos participantes das oficinas do projeto, divididos em duas equipes e cada equipe foi testada com diversas brincadeiras e jogos. Dentre os métodos avaliativos finais incluímos jogos de perguntas e respostas sobre o diário e os gêneros veiculados nesse suporte.

Outro ponto relevante da culminância é que todos os alunos puderam expor seus trabalhos e tiveram reconhecimento de toda a comunidade acadêmica por suas ações.

#### 4.1.1 A avaliação dos alunos

Na tabela abaixo apresentamos a avaliação da 1ª e 2ª versão na produção escrita dos alunos na qual foram identificadas as seguintes ocorrências:

**Tabela 1. Avaliação das versões 1 e 2 da produção escrita dos alunos**

<b>1ª versão</b>	<b>2ª versão</b>
Escrita de difícil entendimento	Escrita mais clara
Diminuição ou aumento de letras em palavras	Escrita correta de palavras
Erros de ortografia em excesso, difícil entendimento das ideias.	Ainda encontramos alguns erros só que foram menos, que os anteriores. Mais clareza e concisão das ideias
	Estrutura mais específica de um gênero

As correções das duas versões da produção escrita dos alunos mostraram resultados satisfatórios em que os alunos conseguiram melhorar em todos os aspectos de construção do texto, além de terem conseguido adaptar em seus textos as considerações atribuídas pela professora.

Embora as melhorias tenham sido notórias na produção textual dos alunos, percebemos também que estes conseguiram melhorar em outros aspectos da competência linguística dos educandos, dentre elas percebemos a melhoria da linguagem oral dos alunos, o aumento do desempenho dos alunos nas atividades; e a diminuição da timidez dos educandos.

#### **4.2 A intervenção metodológica: O diário como suporte para a leitura e a escrita de alunos da educação básica**

Transformar as práticas de leitura e escrita em algo tão prazeroso para o aluno é uma tarefa que precisa ser pensada por professores que convivem com as diversas realidades encontradas no espaço escola do século XXI.

Pensando nisso, propomos nesta pesquisa uma intervenção metodológica que colocou o diário como suporte para leitura e escrita de alunos da educação básica. Essa opção foi proposta pela vivacidade do gênero, e pelos benefícios que este pode oferecer aos educandos, propiciando uma boa opção de leitura e escrita para esses alunos que chegam a escola fragilizados com diversas situações do seu dia, e um professor sendo apenas um, em uma sala de aula super lotada necessita saber manejar essas diferentes situações com base em metodologias e caminhos capazes de suprir essas necessidades.

Assim, foi por meio do diário que conseguimos compreender quais as particularidades individuais de cada aluno, dando aos alunos que tinham déficit de leitura e escrita um estímulo a mais para se desenvolverem. Deste modo, formar leitores e escritores que vivem o dinamismo de sua língua materna é ofertar bem mais do que sua formação educativa, mas sim, sua formação enquanto sujeito político e social.

Sair do mero ensino da gramática tradicionalista faz com que os alunos queiram ler por vontade, queiram escrever se adaptando a ritmos e rotinas de alunos conscientes de sua aprendizagem. Uma vez que, para o ensino língua materna na atualidade, não basta somente dizer para o aluno que seu trabalho e tentativa foram errados, mas sim, apresentar aos educandos caminhos novos para que ele possa se descobrir e melhorar, pois o não incentivo desse aluno pode impulsioná-lo a desistir de seus estudos seguintes.

Sabe-se que as práticas de leitura e escrita são indissociáveis, assim sendo, este trabalho aconteceu nesses dois campos de aprendizado. Isto porque, em primeiro lugar a formação do aluno enquanto leitor é o mais importante para a escola, pois é através da leitura que o aluno conseguirá adquirir conhecimento. Ora, quando o aluno não cultua o hábito de ler, ocasionalmente este aluno também não será um bom escritor, além de ser prejudicado em outros meios de expressões como, por exemplo, em conversas que necessite de sua ação argumentativa. Segundo porque a formação do educando enquanto escritor é indispensável para o convívio nesta sociedade da informação e das letras.

Portanto, dividimos este subtópico em dois momentos, descritos abaixo, e nos quais mapeamos as melhorias dos alunos na escrita e na produção textual.

#### 4.2.1 Na leitura

Durante todo o desenvolvimento das ações desta pesquisa em sala de aula, consideramos a ideia que quem lê muito conversa sobre qualquer coisa, e consegue formar opiniões bem fundamentadas. E, esse é o sujeito político que queremos educar para conviver em sociedade.

Infelizmente, nossa primeira dificuldade encontrada foi a visão dos alunos sob as aulas de língua portuguesa na escola investigada; que eram consideradas outrora como algo cansativo e monótono, que não tinha sentido para a vida pessoal.

Essa realidade inicial pode ser explicada através de Foucault (1997), que ressalta em suas pesquisas que a prática da leitura, muitas vezes não atrai a atenção do leitor, tornando-se algo chato e cansativo, exigindo esforços, principalmente quando não se sabe ler e compreender o que está escrito. Sendo assim o leitor percebe-se desmotivado e desinteressado em continuar a leitura, ou em alguns casos específicos, conclui apenas por ser algo obrigatório e de extrema importância, quando isso ocorre fica quase que impossível tirar da cabeça deste indivíduo que a prática da leitura não é só por obrigação mais sim um meio que temos que usar para nos mantermos informados com o que acontece a redor do mundo, que só com muitas leituras conseguimos compreender com mais facilidade.

Nesse sentido, as leituras, tanto coletivas quanto individuais, feitas em sala de aula serviram para mostrar o aluno que o processo ocasionado pela atividade de leitura é tão significativo quanto o que acontece com sua atividade de uso da língua em contexto real, e que a leitura também suscita comentários, impressões pessoais e coletivas.



Diante desses debates ocasionados pelos diversos momentos de leitura na sala, percebemos que o uso do diário como suporte de leitura foi à chave para a formação de leitor autônomo dos alunos participantes, formação essa que não termina nas últimas linhas da leitura, mas que é incorporada a vivência de cada um em seu percurso escolar.

Como professor, isso serviu para mostrar que quanto maior o incentivo à aprendizagem da leitura, maior a liberdade de expressão e busca para a solução dos próprios problemas através do conhecimento de forma significativa que faz do indivíduo um ser capacitado a viver na sociedade na qual está inserido. Não existe uma fórmula para se ensinar a ler; o que existe é uma necessidade de aprender a ler tudo, desde o mais simples até ao fundamental para a sua sobrevivência e orientação numa civilização construída a partir da língua escrita levando em consideração as pistas deixadas pelo próprio autor do texto para que o leitor chegue à compreensão do mesmo.

Trabalhar o diário nessa perspectiva nos mostrou que esse gênero textual ao ser introduzido nas escolas tem forte potencial para o incentivo à leitura, pois traz à tona conhecimentos prévios dos alunos, capacitando-os a atribuir ao texto significados que possibilitem a (re) construção do sentido do mesmo.

Investir nessas novas possibilidades traz ganhos significativos para todos os alunos, mas principalmente para aquele aluno que com defasagens de leitura.

#### 4.2.2 Na escrita

O gênero diário foi identificado como uma boa opção metodológica no que diz respeito a escrita dos alunos, isso porque o trabalho com esse gênero possibilitou aos alunos noções de planejamento, pois cada um teve seu tempo de pré-fazer seu trabalho, analisando, revisando, parando e ordenando suas ideias, foi um trabalho prazeroso, sem ansiedade para em chegar ao produto final somente para terminar a atividade.

A produção escrita dos alunos foi acima de tudo um trabalho que recuperou no aluno o prazer de ler e de produzir seus próprios textos, e através disso, os próprios alunos notaram que a escrita não é um dor, pois ninguém nasce escritor, mas a escrita é acima de tudo uma questão de exercício, bem como afirma Passarelli, (2012, p.45) “é preciso romper com a ideia de dom, revelando que, pelo contrário, o escrever exige esforço, suor, trabalho.”. E justamente por tentar romper essa ideia de escrita como dom foi que buscamos um trabalho voltado para a escrita e a reescrita dos alunos e é durante a reescrita que evidenciamos um processo maior de

desenvolvimento do educando, conforme mostramos através dos trechos escritos por alunos e apresentados abaixo:

**1ª versão diário A (Apêndice A):** Faz mt tempo que ñ te escrevie, por isso decidie retornar aos velhos hábitos hoje. Tanto tempo si passou, mais minha vida continua indo mb, se tu falasse talvez tu me pgtaria como eu tou, é isso que amigos fazem e vc por mts anos foi meu melhor amigo, quem sempre guardou todo os meu segredo bom ou ruim.

**2ª Versão diário A (Apêndice B):** Faz muito tempo que não te escrevo, por isso decidi retornar aos velhos hábitos hoje. Tanto tempo se passou, mas minha vida continua indo muito bem, se tu falasse talvez tu me perguntaria como eu estou, afinal é isso que amigos fazem e você por muitos anos foi meu melhor amigo, quem sempre guardou todos os meus segredos bom ou ruim.

**1ª versão do diário B (Apêndice C):** Ontem foi um dia engraçado, fomos ajuntar pitomba. Ajuntamos muitas com a minha tia e minha irmã e derepente apareceu uma cobra coral e ela quais i a mim picando so qui eu corri e, me escondi de pois pulei da arvore e fui em bora. Quando cheguei em casa com as pitombas, muitas, comemos quase todas e derepente egoli uma pitomba bateram nas minhas costas e saiu comi, mais pitombas fui brincar mais a minha Irma de pega – pega, eu cai na lama e mi sujei todinho.

**2ª versão do diário B (Apêndice D):** Ontem foi um dia engraçado, Eu, minha irmã e minha tia fomos juntar pitombas em um terreno abandonado da porteirinha, quando estávamos la, apareceu uma cobra coral venenosa e ela quase ia me picando, porém corri e me escondi, horas depois pulei da arvore e fui embora, mas com meu saco de pitomba de um lado, fui nem bobo de deixa – las para trás.

Quando chegamos em casa, comemos quase todas as pitombas e de repente eu engoli um carço que desceu rasgando tudo na minha garganta e nossa, como

isso doeu. Minha mãe e meu pai sempre atentos a mim, correram rapidamente e bateram em minhas costas e quando o caroço saiu, eu continuei a comer como se nada tivesse acontecido. Então decidi brincar com minha irmã, bricamos muito de pega- pega, mas como sempre, minha irmã (que adora brincadeiras besta) começou a brincar de empurra – empurra e foi nessa que me dei mal, cai de cara no chão dentro de uma poça de lama e me sujei todinho.

As diferenças percebidas de escrita entre a 1<sup>a</sup> e a 2<sup>a</sup> versão das produções escritas dos alunos são notórias, e podem ser percebidas como uma troca de experiência pessoa, além do exercício da criticidade do aluno, o aprimoramento das competências linguísticas, uma vez observadas e melhoradas pelos próprios alunos.

Percebemos que a reescrita dos alunos possibilitou bem mais do que a reorganização gramatical do texto, mas sim, um olhar crítico do aluno sob a complexidade textual de sua produção, o que fez com que durante a reescrita os próprios alunos melhorassem seu texto, amarrando melhor suas ideias e expressões, o que resultou em um texto bem mais coerente e abundante de informações.

Assim, acreditamos que, há nesta escola a necessidade de entender a escrita dos alunos como algo processual, uma vez que nenhum texto está pronto deve – se retorna – lo mais de uma vez e tentar junto com o aluno colocar mais ideias, levando - o a perceber que a escrita é parte do dia-a-dia de cada um e não deveria haver diferença entre escrever na escola ou fora dela. Ora, muitas vezes, nos professores repetimos erros comuns, como por exemplo, querer que o aluno produza um texto num espaço de tempo de 50 minutos, quando muitas vezes nem nós mesmos conseguimos.

E ao refletimos muitas realidades encontradas em salas de fundamental, observamos que muitos alunos não conseguem escrever nem mesmo o próprio nome, assim pensamos: de que forma um aluno que não consegue escrever seu próprio nome conseguirá desenvolver textos maiores que cinco linhas por si só? Por isso se faz necessário abandonar antigos paradigmas de produção textual e, quem sabe, dar mais liberdade de escrita ao aluno na escolha do tema de sua produção. Segundo Passarelli:

A seleção do tema é parte do processo da escrita e, ao sugerir que os estudantes redijam sobre um tema escolhido por eles próprios, o professor estaria delegando a seus alunos a responsabilidade por aquilo que escrevem, pois se sentiriam verdadeiramente “donos” de

seus textos, o que transforma o ato de escrever de uma tarefa designada em um projeto pessoal. (PASSARELLI, 2012 p. 61)

Dito isso, compreendemos que a escrita é antes de tudo uma realização pessoal que deve ser planejada e organizada. E ao darmos para os alunos responsabilidades sobre seus próprios textos, como fizemos ao propor que cada aluno escreve-se um relato de seu dia, estes acabam por nos dar um retorno mais eficiente, porque quando o educando escreve sobre algo selecionado por si próprio, ele acaba escrevemos com mais prazer, e assim a escrita flui mais facilmente.

Desta forma, ao trabalhar o gênero diário em sala de aula possibilitou a criação de uma sequência didática diferenciada que facilita muito o desenvolvimento do aluno no decorrer da sua carreira de educacional, uma vez que esse tipo de situações de aprendizagem ajuda o aluno alcançar autonomia enquanto sujeito que pensa, que levanta ideias, que faz questionamos e que se planeja, e sob tudo que se ver enquanto sujeito escritor e leitor crítico - reflexivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atual contexto da educação do século XXI exige que a escola se reorganize para atender sua nova clientela, que emergem de uma sociedade globalizada e informatizada. Assim, o papel da escola é repensar as ferramentas de trabalho pedagógico que possam impulsionar os resultados dos processos de ensino-aprendizagem.

Consideramos a escola como uma grande engrenagem de saber, em que cada parte, cada pessoa, cada funcionário cumpre função indispensável na formação do aluno, especialmente o corpo docente. Isso porque, toda a vida educacional do discente está diretamente relacionada as atividades de leitura, escrita e interpretação textuais. Essas competências linguísticas do discente, embora devam ser aprendidas nas aulas de língua portuguesa deve ser resguardada em todas as outras disciplinas, pois um aluno que ler, escreve e interpreta consegue resolver qualquer atividade sem dificuldade.

Assim, para que o aluno consiga avançar em sua vida educacional este deve ser incentivado por todo o corpo docente da escola, de modo que as práticas de leitura, escrita e interpretação textual se tornam indispensável para o incentivo e aprimoramento das competências linguísticas dos educando e esse é um trabalho que deve ser feito em parceria entre os professores de língua portuguesa, matemática, história, etc.

Buscar ferramentas para incentivar estes alunos a estas atividades é um compromisso de todo corpo docente, essas ferramentas devem apresenta-se como valiosa para propiciar maior estímulo quanto à leitura e escrita.

Nesse sentido apresentamos neste trabalho uma proposta de intervenção metodológica em que o diário foi apresentado como suporte para o aprimoramento da leitura e da escrita de alunos da educação básica, percebemos que o diário contribuiu na formação do aluno possibilitando tanto o domínio de conteúdos de língua portuguesa, como também conteúdos de outras disciplinas, e a própria formação pessoal do diário, uma vez que uma das características desse tipo de gênero é resguardar o íntimo sujeito.

Com base nas atividades feitas durante essa pesquisa, compreendemos que através desse tipo de intervenção o professor pode estimular os alunos a manterem o interesse pela escrita, pela leitura, e ainda pode conduzi-los a reflexões sobre as realidades sociais trazidas em cada produção.

Portanto, entendemos diário como um importante instrumento para a aprendizagem de Língua materna, devido às várias possibilidades metodológicas presentes.

## REFERÊNCIAS

Gerhardt, Tatiana Engel. Silveira, Denise Tolfo. [org] Métodos de pesquisa. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. Língua, lingüística e literatura, João Pessoa, v. 1, n.1, p. 9-40, 2003.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha – São Paulo: EDUC, 2003.

TÁVORA, Antônio Duarte Fernandes. **Construção de um conceito de suporte: a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza/CE, 2008.

FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

\_\_\_\_\_. **Programa Gestão da Aprendizagem Escolar - Gestar II. Língua Portuguesa: Caderno de Teoria e Prática 3 - TP3: gêneros e tipos textuais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

PASSARELLI, Lilian. **Ensinando a escrita: o processual e o lúdico**. São Paulo: Cortez, 2004.

WITTKE, Cleide Inês. [Org.]. **GÊNEROS TEXTUAIS: Perspectivas teóricas e práticas**. CADERNO DE LETRAS / Centro de Letras e Comunicação. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2012.

LIMA, Adriana Morais Jales de. **Os gêneros textuais e o ensino da produção de texto: análise de propostas em livros didáticos de língua inglesa**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará (UEC). Fortaleza/ CE, 2007.

FILHO, Francisco Alves. **Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2011.

# **ANEXOS**



## ANEXO A - Carta de apresentação

**CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Prezado Senhora. Diretora da Escola

Realizamos na Universidade Federal do Maranhão em São Bernardo – MA, o estudo monográfico intitulado **“RECRIANDO SABERES NA ESCOLA: Uma reflexão acerca do diário como suporte para a leitura e produção escrita de alunos da rede pública de ensino do povoado Coqueiro – São Bernardo – MA”** com a finalidade de atender à exigência da elaboração de TCC.

A pesquisa deverá ser realizada a partir de dezembro de 2018 e os dados gerais do estudo constam no **objetivo geral** refletir sobre o diário enquanto suporte para a leitura e produção escrita de alunos da educação básica.

Como procedimentos para pesquisa, a coleta de dados será realizada com a aplicação de diagnose com a direção, seguida de observações e aplicação de projeto com uma turma de alunos; seguidas de análise e apresentação dos resultados obtidos.

Dessa forma, solicitamos a escola Unidade Integrada Bernardo Alves Rodrigues a autorização para realização da pesquisa supracitada. As informações prestadas serão utilizadas somente para este estudo e terão a garantia da não identificação pessoal ou coletiva em qualquer modalidade de divulgação dos resultados. Assim, as informações e resultados desta pesquisa feita pela pesquisadora Djane Silva Almeida estarão sob sigilo ético.

Agradecemos pela atenção

São Bernardo -MA, 20 de novembro de 2018.

---

Djane Silva Almeida  
RG  
Graduanda do Curso de LLC

## ANEXO B – Termo de anuência da escola



## TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA

Aceito que a pesquisadora Djane Silva Almeida pertencente à Universidade da UFMA desenvolva sua pesquisa intitulada **“RECRIANDO SABERES NA ESCOLA: Uma reflexão acerca do diário como suporte para a leitura e produção escrita de alunos da rede publica de ensino do povoado Coqueiro – São Bernardo – MA”**, sob a orientação da Prof. Mestre Lana Kaine Leal, professora da mesma instituição da pesquisadora.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão usados nesta pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que segue abaixo:

- 1) A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- 3) Que não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação nessa pesquisa;
- 4) No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

A referida pesquisa será realizada na Escola Unidade Integrada Bernardo Alves Rodrigues na cidade de São Bernardo – MA, povoado Coqueiro e poderá ocorrer conforme orientações da professora orientadora da UFMA.

São Bernardo -MA, \_\_ de \_\_ de 2018.

Rosilvania Rocha Rodrigues  
 Assinatura do Responsável pela Instituição de Ensino  
 Carimbo identificador do Responsável  
 Gestora

## ANEXO C – Diagnose da escola



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO  
DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

## LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS

## DIAGNOSE DA ESCOLA

## 1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

NOME DA INSTITUIÇÃO: *U. S. Bernardo Alus Rodrigues*

Rede: ( ) estadual ( *municipal* ) municipal

Fone: *(98) 3477-1722*

Endereço: *Povoado Coqueiro SN:*

Município: São Bernardo

() Zona Rural ( ) Zona urbana

Turnos de funcionamento da instituição: () manhã () tarde () noite

Quantidade total de turmas:

Níveis educacionais ofertados: *477 alunos*

() Educação Infantil () Ensino Fundamental – Anos iniciais

() Ensino Fundamental – Anos Finais ( ) Ensino Médio

Modalidades de ensino ofertadas:

() Educação de Jovens e Adultos – EJA ( ) Educação Profissional

( ) Educação Especial ( ) Educação Indígena ( ) Educação a Distância

Quantidade total de:

Alunos matriculados: turno: *manhã: 178, Tarde: 244, noite: 55.*

Funcionários: *manhã, 28; Tarde, 30; noite, 10.*

Por turmas:

Quantidade de professores de Língua Portuguesa: 05 prof.

Nome do (a) diretor (a):

Rosivânia Rocha Rodrigues

Tempo no cargo:

2 anos

Nesta escola:

Sim

Membros do núcleo gestor/funções:

D. adjunta, Rayane Rocha Rodrigues

Coord: Selange ; Secretária respons: Marcelina Costa Couto.

A escola tem alguma experiência de jornada escolar ampliada (Mais educação e/ Escola de Tempo Integral)?

Sim (mais Educação) Não ( ) Como funciona?

Com Centro turno, Com atividades Educativas, atletismo, futebol, futsal, judô, música, etc...

Regime de trabalho dos docentes:

Nº de professores efetivos da escola: 11

Nº de professores temporários / contratados: 16

Situação de lotação dos professores:

Nº de professores lotados apenas: 36 prof.

Nesta escola: Sim em 2 escolas: em 3 escolas: em mais de 3 escolas:

Nível de Formação dos professores: superior

Nº de professores com Doutorado: 0 Nº de professores com Mestrado: 02

Nº de professores com Graduação/Licenciatura Plena: 33

Nº de professores com Graduação/Licenciatura em Regime Especial:

Nº de professores com Graduação/Bacharelado: 03

Nº de professores com Formação de Nível Médio: 0

Número total de funcionários: 69 func.

Nº de efetivos: 34

Nº de Contratados/ Terceirizados: 35

Especificar as funções existentes na escola:

Qual os dois últimos IDEB da Escola no/na:

ANO 2013 a): \_\_\_\_\_ c) 3º ano do E.M. \_\_\_\_\_

ANO 2015 a) ano: \_\_\_\_\_ c) 3º ano do E.M. \_\_\_\_\_

1. A escola já possui seu Projeto Político Pedagógico? Há quanto tempo? Já foi atualizado? Houve a participação de toda a escola e a comunidade na sua construção/reformulação?

sim, 2 anos, sim, sim houve a participação de todos.

2. A escola vem desenvolvendo projetos e/ou parceria na execução destes, inclusive quanto à formação continuada de professores? De que forma e com que regularidade?

sim, com recreação, textual, gincana, dinâmicas etc.  
em mês e mês, dentro da semana a cada  
mês em 2 semanas.

**"A observação de uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas sim, fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela."**

Madalena Freire Weffort

# APÊNDICES

## APÊNDICE A – 1 versão diário A

Quarta-feira, 05 de dezembro de 2016

Meu querido diário

Faz um tempo que ãi te escrevi  
e por isso decidi retomar esse  
lulhos habitos hoje.

Tanto tempo se passou mais  
minha vida continua indo ml  
se tu falasse talvez tu me  
pgaria como eu tou, é isso  
que amigos e vc por mts am  
foi meu melhor amigo quem  
sempre guardou todo os meu  
segredos bom ou ruim.

mais voltando ao assunto, minha vida continuava igual, algumas coisas que se perderam na verdade que eu não tinha tempo pra se contar, como se não sabe da minha viagem para Fortaleza. Eu fui para lá um tempo porque eu tinha passado um td os dias plenas na escola, minha mãe ficou feliz e feliz que eu já estava molinha e que poderia passar alguns dias na casa de meus tios, pais embora meus primos fossem bagunceiros e a escola era um pouco ruim para eu ir me comportar bem. Lá foi incrível, brincamos, eu conheci lugares mt bonitos e baniu até de piscina, mais comi, os dias passando a saudade ia aumentando e eu me sentia a cada dia com falta de casa. Então liqui para minha mãe e pedi para ir embora, n que eu n gostasse



da casa dos meus tios  
mais toda como nesse  
lá. N. e. mesmo?

qual yehane....

Quarta-feira, 05 de dezembro  
de 2018.

Meu querido diário,

Faz muito tempo que não  
te escrevo, por isso decidi  
retornar aos velhos hábitos  
hoje.

Tanto tempo se passou, mas  
minha vida continua indo  
muito bem, se tu falasse  
talvez tu me perguntaria  
como eu estou, afinal é isso  
que amigos fazem e você por muito

anos foi meu melhor  
 amigo, quem sempre  
 guardou todos os meus  
 segredos bem em mi-  
 m.

Mas voltando ao mesmo  
 assunto, minha vida con-  
 tinua igual, algumas  
 coisas só que vivi por-  
 que na verdade que eu  
 não tive pra te contar.

Como por exemplo eu  
 não sabe da minha via-  
 gem para Fortaleza. Eu  
 fui para lá em Junho po-

que eu tinha passado em  
 todas a disciplinas na escola  
 minha mãe ficou feliz e  
 decidiu que eu já estava  
 molinha e que poderia  
 passar alguns dias na casa  
 dos meus tios, pois embora  
 meus primos fossem bagun-  
 ceiros ela confiava em mi-  
 m aqui para saber que  
 eu iria me comportar  
 bem.

Lá foi incrível, brinca-  
 mos muito, eu conheci lugar  
 tão muito bonitos e conheci

até de piscina. Mas  
com os dias passando  
do, a saudade ia  
aumentando e eu me  
sentia a cada dia  
com mais falta  
de casa. Então liqui  
para minha mãe  
e pedi para ir um  
hora, não que eu não  
gostasse da casa dos  
meus tios, mas na-  
da como nosso lar.  
Não é mesmo?

foi esse um dos meus  
dias que não perdi, aos  
poucos vou te contando tu-  
do. Saudades de perder horas  
te lembrando...

(sua Yehane...)

## APÊNDICE C – 1 versão diário B

Quarta-feira, 05 de dezembro de 2018

meu querido diário

Ontem foi um dia engraçado,  
foiemos a visitar pitomba.  
Ajuntamos muitas com a  
minha tia e a minha  
irmã e de repente apareceu  
uma edra coral e ela  
quisia mim picando  
so que eu corri e me escapei  
di de pois pulida árvore  
e fui em casa. Quando  
cheguei em casa com as piton

bas, muitas. Comemos quase  
toda e de repente engoli uma  
pitomba lateral por minha  
costas e saiu comi, mais pi-  
tombas fui ler mais mais  
a minha ir mã de pega-  
pega, eu cai na lama  
e me sujei todinho.

Depois fui tomar banho,  
mais não tinha água  
e fui buscar na casa da  
vizinha foi ai que o balde  
caiu no meu pé, eu gritei  
minha mãe correu e pergun-  
to que uma outra cobra

mais quando viu que  
foi só o balde, tados  
na minha casa riram  
de mim, até eu ri,  
por que meu grito não  
foi normal, e foi iraq  
meu dia hoje foi arzim,  
até amanhã!

nome: Paulo

## APÊNDICE D – 2 versão diário B

quarta-feira, 05 de dezembro de 2014

meu querido diário,

ontem foi um dia engraçado,

Eu, e minha irmã e minha tia fomos juntar pitomilas em um terreno aleandado da Porteirinha, quando estávamos lá, apareceu uma cobra coral venenosa e ela quase ia me picando, porém corri

e me escondi, depois  
de pois palei da  
avoz e fui,  
mas como meu  
saco de Pitom  
lea de um  
lado, fui nem  
lecho de deixar  
las para tras.  
Quando chegamos em  
casa, Comemos que  
se todas as  
pitom leas e  
de repente eu  
engoli um canço

que desceu rasgando  
na minha garganta  
e noza, como um doeu,  
minha mãe e meu  
pai sempre atentos a  
mim, correram rápi-  
damente e bateram  
nas minhas costas e  
quando o laroco, eu  
continui a comer como  
se nada tivesse a ponte  
vido. Então decidi brin-  
car com minha irmã  
brincamos muito de



pega-pega mas  
 como sempre, minha  
 irmã (que adora  
 brincadeiras  
 bobas) começou a  
 brincar de empurra-empurra e  
 foi nessa que me  
 dei mal, caí de  
 cara no chão dentro  
 de uma poça de  
 lama e me sujei  
 todinho.

Depois disso  
 desisti que o dia

estivesse sendo o melhor  
 para mim, decidi então  
 que eu deveria tomar  
 banho, mas não tinha  
 água e fui buscar na  
 casa da vizinha, foi aí  
 que o baldê caiu no meu  
 pé, eu gritei, minha  
 mãe correu pensando que  
 era uma outra coisa,  
 mais quando viu que  
 foi só o baldê, todos  
 na minha casa riram  
 de mim, até eu ri,

Porque meu quito não foi normal, no fim das contas, eu senti no chão serri ndo por que não sabia se riado: ~~...~~ e chorava, sabia que apesar do dia ruim e engraçado eu continuava vivo e com o pé deendo, e foi me, meu dia não foi assim

, até a manhã

nome: Paulo